

As Danações

C O N T O S

EDUARDO CAMPOS

As Danações

C O N T O S

Fortaleza
1967

*... Eu respeito em primeiro lugar
o que dura mais do que os homens.*

ANTOINE DE SAINT EXUPÉRY – *Cidadela*

À

ELNINA

e

EDUARDO AUGUSTO

SUMÁRIO

O AFOGADO	13
VISITA PARA EXPLICAÇÕES	21
A SERAFINA MÁ.....	29
A VIÚVA ENGANADA	37
UM VELHO FORA DO MUNDO	45
O PEDREIRO, A MULHER E O COPO.....	55
AS DANAÇÕES	63

O afogado

Curiosos, desciam todos para a praia; homens, mulheres e crianças. Havia os que iam de um a outro lado, colhendo e transmitindo informações. A maioria comia. E não havia mais refrigerantes nas carrocinhas.

José Joaquim chegara no ônibus das nove. A namorada já lá estava, deitada na areia, bronzeando o corpo. Ele queria exhibir-se, criar músculos no torso, pensando socar como artista de cinema. Quando o sol pairou sobre ambos e toda aquela multidão que preguiçava, José avisou à moça que ia refrescar-se. “É um instante, volto logo”. O que queria era verter.

Dizem uns que José Joaquim persignou-se antes de entrar n’água. Os ocupantes da barraca listada asseveram que o rapaz mergulhou, “era um peixe”, e a testemunha de binóculo, mais que todos, esclareceu os pormenores depois. Rosinha, a namorada, àquela hora pensava: ...”se ele passar no vestibular, se arranjar emprego, se mamãe deixar, se tudo der certo, caso com ele.”

Foi quando gritaram:

– Chega! Tem gente se afogando!

Acudiram todos. O cidadão de binóculo à mão explicava aos gritos: – é o rapaz dela! É o rapaz dela! Vi quando entrou n’água!

Rosinha abriu os olhos. Acabara de pensar nas implicâncias de tia Letícia: “Você se perde, menina. Essa rapaziada, hoje, só quer bolinar!” Assustando-se, não sabia agora o que fazer: Aii!! Aii! – gemia.

A multidão em calções, pernas cabeludas, grudadas de areia, olhava. Uns, displicentes, tomavam sorvete, outros, fingindo-se amargurados, chupitavam laranjadas. Quente, o sol resplandecia por cima dos pescoços estirados. Era de pasmar essa gente perplexa, faminta, mãos fazendo pala diante dos olhos, querendo ver. Instintivamente, um ou outro recuava imaginando descobrir o corpo à tona, “lá! lá!”

De desespero, o dia inteiro. Ninguém ousou mais banhar-se ali. Os que colhiam o relato dos circunstantes, arredaram-se.

Vieram os bombeiros mais tarde. Sapadores, horas a fio, pastorando. Tia Letícia, gorda, suando fácil, veio buscar a sobrinha. “Louca! Não lhe dizia que banho de mar não dá certo?” No botequim o rádio recontava a tragédia para os meninos que lambiam picolé. Inconformado, o pai do afogado reclamava:

– Podia ter sido outro!

Lembrava-se do sonho que tivera. Ia por uma rua e o surpreendera estranho bicho. – “Tinha garra, pernão mole, era visguento...”

– Foi? – admiravam os basbaques.

– Toda vez que sonho um pesadelo, vem depois o pior. Teria de ser agora a morte de meu filho.

Rebentou a chorar novamente. O pescador Chico Pedro, juntando-se à roda que bebericava no “Bem”, opinou: – Não adianta esperar o cadáver já. De manhãzinha – ele dizia “de menhazinha” – o mar devolve ele.

Historiava, como se o rapaz fosse um barco:

- Afundou, ninguém discute. Quando o mar marola, é assim. A embarcação não agüenta, afunda.

O grupo aumentou. O soldado de polícia, desvestindo o dólman puído, referia:

- Não me arredo daqui, me babo todo quando tem afogado! Pra que dia melhor da gente conversar relembrando? Quem recorda o marinheiro do navio inglês? Lascou-se nesse mesmo local, não foi?

Na ponta da calçada, a senhora gorda confirmava:

- O mar só devolve o corpo depois da meia noite.

Fanhoso, alguém contestou:

- Mesmo soprando o terral? Vem mais cedo.

Na mesa do soldado todo mundo começou a rir de tal modo alto, que a mulher, indignando-se, comentou:

- Vejam o desrespeito! Antigamente era caridade esperar cadáver. Não havia anarquia. É certo? Hoje até parece festa. Deus me livre e guarde.

- O holofote do bombeiro! - gritou um menino.

O jato luminoso passou outra vez sobre as águas que faiscavam. Domicio, segurando a garrafa de cerveja que levava à mesa do soldado, adiantou-se até o passeio. Curioso indagou às mulheres:

- Acharam o rapaz? Que que há?

Ninguém respondeu; torciam para que a luz, de um momento para outro, surpreendesse o corpo consumido pelo mar. Sabia-se já que o jovem saíra de casa sem nada dizer aos pais. O calção, de bolinhas vermelhas, alugara-o por cinquenta cruzeiros à Barraca dos Navegantes. A polícia indo lá, recolhera-lhe os pertences: a calça "farwest", a esferográfica, a foto da mulher nua, um pedaço de papel higiênico. O barraqueiro não podia esconder a decepção: - o calção valia mil cruzeiros!

À meia noite, Chico Pedro resolveu aderir à roda álaçre. O soldado desfizera-se das calças; exibia o corpo reluzente metido no calção preto. E Domício, aproveitando a trégua no serviço do bar, encostara-se a balcão para comer um sanduíche de presuntada.

- Lá? Que é aquilo?

Amparada por parentes e amigos, a mãe do rapaz teimava em não abandonar a praia.

- Só parto quando descobrir o meu José!

Era a única pessoa que nomeava o morto. Para os outros havia, àquela hora, um fim de vida, só, algo que talvez já se tivesse transformado em peixe ou diluído entre sargaços.

Quando a noite descambou e a estrela dalva mudou de posição pendendo para o poente, a mulher assentiu ser conduzida para casa. Choramíngava:

- Só penso passar no quarto dele e ver a rede vazia!

Maria Odete, Antonieta, Gizela e Dindinha aumentaram a patuscada do soldado. As raparigas sabiam de cor histórias de homem ou mulher infeliz amortalhada pelo mar. Cadáveres de ontem, em suas memórias, retrocediam, punham-se vivos outra vez. Ora, um gringo, sem nome morria valendo-se do pai, ora homem rico caía ao mar, gritando que não nadava...

- Essa é boa!

- Conta outra! Quem sabe mais tragédia de afogado?

O soldado, autoritário, comandava:

- Serve aqui à dama, Domício. Não quero copo vazio.

A bebida corria; atiçava o entusiasmo à conversa. Maria Odete já nem se incomodava que catucassem por debaixo do vestido repuxado sobre as coxas. Fingindo-se arreliar, fartada de álcool, reclamava alto:

- Solta o que é meu, diabo!

Passou o grupo a beber a propósito de tudo, do apito do navio que arribava, do bater de uma porta de carro, do latir de cão faminto...

- Um brinde à Maria Odete!

- Não! Já brindamos ela!

- Ao calção preto do soldado!

- Que besteira é essa?

- Um brinde ao mar!

- Ao mar!

Ergueram-se todos; sustentavam os copos reabastecidos.

- Ao mar, à chegada do morto!

Foram postar-se na praia. O soldado, de voz rouca, engrolada, propunha:

- Tendo quem aposte, vou mil cruzeiros como o afogado sai logo mais, aqui, de cabeça!

Domício, parando de mastigar a presuntada, rebateu a idéia despropositada, falando de boca cheia:

- Vem mas é de pé pra diante! Quer ver?

À tênue claridade do luar arriada sobre a porção de mar agitado, algo se movendo intentou abeirar-se dos homens, ir-lhes aos pés, como um cão carente de agrado. Instante houve em que os pândegos pensaram tratar-se de pau decepado, desgalhado, que de bubuia movia-se no reflexo da maré.

- É ele!

- Mil e duzentos cruzeiros como vem de cabeça à terra!

- Não, não é ele não!

- Eu topo a aposta - falou Domício.

- HUUUUUUUUUUU! HUUUUUUUUUUU! - torcia o soldado, apertando os dedos esclavinhados, vibrando àquela emoção.

No alto, de repente, uma nuvem bojuda escureceu o céu; apagou a feição dos homens. Onda mais forte levantou então aquilo, talvez um corpo humano, e o sacudiu aos trambolhões; não eram galhos, viram realmente, mas o morto que rodava a sua desolada nudez como um pião nas mãos de um menino. Sobreveio-lhe de repente uma brecada, quando, forte, se desfazendo, a onda o apanhou em retrocesso.

Instantes sós esses. O soldado, no meio das mulheres borrifadas pela maresia, dos amigos fartados, alheio a tudo aquilo, torcia ainda nervoso, temendo perder o seu rico dinheiro.

– Vem de cabeça, eu sei! Vem... Vemmmmmmmmmmm!!!

A água aquietou-se. Deslizando como estranho bicho, inchado à força da decomposição adiantada que o acometera, o toco humano não mais afundou. Bem de frente do grupo recomeçou a girar lento, até que dois calcanhares nus, desfigurados, apresentaram-se claramente. De borco, ofereceu-se à vista de todos, o morto. E à hora em que aquela nuvem negra passou, retornando redonda e luminosa a lua, resplandeceram as suas nádegas alvas e entumecidas.

Um fedor insuportável despejou-se então sobre o bando. Foi quando os homens, amesquinhadados, começaram a pensar que não era o afogado que malcheirava, mas eles, que haviam apodrecido em vida.

Visita para explicações

Como? Ele disse isso?

A voz de Macário cresceu sobre a roda familiar que se fizera depois do jantar, servido numa atmosfera de mal-estar. Ao brado de revolta seguiu-se um grunhido arrastado, era raiva, desespero; ninguém podia precisar. Dona Marieta segurada à mesa, para não desmaiar, dizia: “Meu Deus! Meus santinhos! Nunca vira o marido assim, os olhos injetados, as veias do pescoço puladas, tamanha exasperação. A filha, sentada a um canto da sala, ante a explosão, atordoara-se. Impossível recordar, instantes depois, se falara algo mais além do que imaginara ter dito, trêmula: “Que é isso, papai?”

Ao impacto dos primeiros momentos, a mulher queria acalmar o marido. Repetia-lhe nervosa, para largar aqueles modos. “Os vizinhos, homem, os vizinhos! Que vão dizer desse despropósito?”

– Mas é um desaforo! Não engulo! Não engulo calado!

– Cuidado, você vai ter um enfarte!

– Meu coração é bom! Tenho enfarte não! O que eu tenho é vergonha! Quero saber o que aquele cafajeste disse da minha filha...

– Mas papai!

– Não fale com esse tom de quem implora! Não gosto dos humildes, ouviu?

- Você precisa ouvir a moça - propôs Marieta, desencostando-se da mesa.

- É, papai. Tio Ambrósio não foi delicado, mas, falar a verdade, tinha o direito de reclamar...

- Reclamar porque você esqueceu de botar uma carta no Correio? Uma carta? Fosse a correspondência toda, vá lá! Mas uma carta!

- Era importante, papai!

- Importante, hem? E eu acredito nessa? Só se não conhecesse a peça ruim que tenho por irmão. Cachorro! Tem dinheiro, pensa que pode pisar os outros.

Sentando-se, queria acender o cigarro.

- Fogo, uma caixa de fósforo!

Calaram-se as mulheres, enquanto alguém acudia o homem, acendendo-lhe o cigarro. O ruído do anoitecer que se fazia lento, filtrava-se pelas venezianas, contrastava com o silêncio que gelava a sala. Marieta tinha certeza de que o marido se exaltava sem razão, e Carminha, agastada, arrependia-se de ter contado o problema.

- Tome uma xícara de café, Macário - tornou a mulher.

- Café? É só o que você sabe oferecer!

- Faz bem. Tome. - Voltando-se para a filha, rude - Também você é doida! Falar uma coisa dessa depois do jantar! Tem cabimento? Numa raiva assim, você perde o pai, eu fico viúva.

- Besteira! Quem morreu aqui? Preciso desabafar.

O homem não podia perdoar o irmão. Agora, passeando pela sala, esbarrava nos móveis, dizendo para consigo mesmo: "Rico! Ganhou dinheiro, quer borrar a cabeça dos outros! Não, não fica assim. Pobre, é uma coisa, desmoralizado, outra!"

- Pára, homem!

- Parar pra quê?

Vestiu o paletó, de repente; ninguém o pôde impedir de escapar de porta a fora. Marieta arremessou-se em direção ao portão, farta de angústia e cuidados: – Homem, se acalme! Não vá brigar com o Ambrósio!

– Papai, volte! Volte! Deixe de bobagem!

Com determinação, ele caminhava rapidamente, punha-se distante da esposa e da filha. Só ficava satisfeito quando dissesse umas verdades ao irmão! Precisava repelir a deseducação de Ambrósio, pois tinha dignidade... Gostou do pensamento. Era a dignidade dos pobres, dos que não se rebaixam aos ricos, que o tornava forte.

Atravessou a praça, como se não existissem à sua volta os grupos conversando sobre o futebol da tarde. Por instante, acudiu-lhe a vontade de saber os pormenores do jogo, mas repeliu a idéia. Não se ia enredar. O seu objetivo era chegar à casa de Ambrósio, enquanto não esfriava o sangue. Que enfarte qual nada! Nunca tivera palpitações! Tinha rijo o coração! Mas levou a mão ao peito e riu satisfeito com as pulsações sentidas. Moço, achou-se, e de pescoço duro ainda para dizer verdades.

Diante da casa do irmão, tocou o botão da campainha elétrica, violento. Depois, desejando armar efeito, recuou dois passos: “Se é ele que vem abrir-me a porta, ouve logo!”

Mas foi o sobrinho, de dez anos, que o recebeu dizendo para o interior da casa:

– Não é ninguém não, papai! É o titio!

Não escutou o menino indagar-lhe a respeito do exame de admissão do primo. Foi direto afundar-se numa poltrona da sala. Podia ouvir o ruído dos pratos, o tinir de xícaras e talheres. “Estão jantando”, pensou. E aquilo não lhe pareceu decente. Tinha sido melhor chegar depois, quando o irmão e a mulher já estivessem servidos.

A voz de Ambrósio veio farta do outro lado:
- Venha fazer uma boquinha, homem!
- Podem ficar à vontade. Já jantei! - replicou.
- Venha! Você é de casa.
- Fico aqui mesmo vendo os quadros.
- Quadros! Quem chamaria aquilo de “quadros”? Na casa dele, - pensava o homem, - não permitia dependuradas essas mulheres borradas, esses homens de pernas tortas... E os peitos daquela mulher?
- Você está tão silencioso?!
- Estou vendo, já disse.
- A sobremesa, aceita, não?
- Não se incomode. Estou bem. - Reinou dizer ao irmão, incontinenti, a que tinha ido. “Sabe, você com tanto oferecimento nem parece o bruto que ofendeu minha filha, o grosseiro, o deseducado que é! Como vou provar seu doce, se tudo me amarga a boca, se estou danado?”
- Adivinhe a sobremesa de hoje?
- Hem?
- É de caju acastanhado! - A voz da cunhada apressava a empregada. - Vamos, Lourdes, faça um pratinho pro Macário.
- Ora, não se preocupe.
- Tolice! É um prazer pra nós.
Submeteu-se. Apanhou o prato que trouxeram, trêmulo; enorme a vontade de desancar o irmão, largar ao chão aquilo, e ir embora. Aquela recepção sufocava-lhe a raiva.
Ia apelar para a hora do café. “Quando o servirem, aproveitarei. E a mulher escutará também os desaforos...”
Veio o café, teve de saboreá-lo sob idêntico vexame.
Ao restituir a xícara, decidiu a cunhada:
- Não repete? Você nunca se satisfaz com uma!

Ele vacilou. Não queria, estava indisposto, satisfeito. Ele...

- Meu Deus, que cerimônia! Parece que está em casa de estranho! Vamos, repita.

- Não precisa...

- Precisa! - Ela acentuou a palavra.

E Macário bebeu a segunda xícara. Depois, como não bastasse aquilo tudo, trouxeram charutos.

A voz do irmão ressoava agora na sala:

- Havana! Dá gosto puxar a fumaça num bicho desse. Tome, leve dois ou mais para depois.

Antes que se apercebesse, ele estava chupando a ponta do charuto e o irmão a lhe meter outros no bolso do paletó, atulhando-o.

- Bom? Bom?

- Hum, hum!...

Agora, como podia abordar o assunto? - pensava Macário. Afinal, era melhor assim, usando cautela. Se houvesse despropositado, teria sido possivelmente inconveniente.

Soprou a fumaça do charuto, a rir desses pensamentos.

- Que foi? - indagou Ambrósio, reclinando-se no divã.

- Umas idéias tolas...

Havia sorte em tudo aquilo! Graças a Deus, não tivesse agido assim, teria sido imperdoável. Era uma lição. Raiva não levava ninguém à frente. Carminha - lembrou-se da filha com azedume - não seria mais que uma leviana! Dramatizara, exagerara talvez. Quando recolhesse à casa, ia apurar tudo ao correto.

- Mais café?

Aceitou. Logo cessou o ruído das xícaras, Ambrósio falou pachorrento:

- Macário, quando você chegou, pensei que tivesse vindo pelo que houve comigo e a Carminha.

O outro assustou-se:

- Em absoluto! Sou bastante experimentado para saber como acontecem essas coisas. A mocidade, mano, não respeita mais os mais velhos. É o sinal dos tempos.

- Ia telefonar-lhe depois do jantar. Queria mesmo explicar certas coisas... Você não ignora a estima que tenho por você, pela família...

Macário aquiescia. Confirmava favores, gentilezas recebidas, o aval na letra de mil contos, a fiança da casa...

- Até o emprego - arrematou - foi você quem deu.

- Não fale assim... Mas quando o vi entrar, disse comigo mesmo: - o Macário vem de briga!

- Tire isso da cabeça, mano! Entendo essas incompreensões. As meninas hoje em dia, já lhe disse, andam tontas. É o tal do iê-iê-iê... A gente se esforça, elas não aprendem, não obedecem mais.

Baixou a voz, confidenciando:

- Por vezes, atrevidas até. Não se admire da minha visita. Vim aqui...

Parou.

Na frase que ficou suspensa, na mentira convencional que não ousou externar, ele começou a sentir o ridículo. O charuto amargava, dava-lhe náuseas.

Levantou-se então de repente. Diante do irmão e da cunhada, que não atinavam com tão súbita exasperação, enfiou o chapéu na cabeça; ganhou a rua.

Não tardou a misturar-se aos transeuntes e apagar-se dentro da noite como desagradável visita de parente pobre que se vai.

A serafina má

Desejou matá-la três vezes. A primeira, quando recusou casar com ele. Tinha pastinha caindo sobre os olhos, um sinal pega-rapaz feito com cabeça de alfinete, e como era fresca! A segunda, quando ela, não se submetendo aos seus caprichos, correu a esconder-se no mato. Escapou porque acudiram em tempo. Da última, já estavam casados. Havia chegado a hora de Pedrão não mais se conter no desejo de esganá-la.

Amava-a? Quem sabe? Dera-lhe presentes, inúmeros. Vestidos de ir às compras, outros, de esperá-lo à tardinha quando voltava do trabalho. Gostava dela perfumada, coquete; o busto farto, retesando a blusa, que agoniava. Por isso doeu nele saber que a Serafina, assim tão bem tratada, apaixonara-se pelo vizinho.

– Mentira, mentira, mentira!

Mil vezes negou-lhe a baixeza ante os olhos arregalados do marido, à ponta da faca. – Não me mate, não tenho nada com o Chico. Outros me apertaram antes, me perseguiram, queriam deitar-se comigo, mas nunca fui de ninguém.

Brabo o homem, aproximou-se dela decidido a não se condoer. Arremeteu para valer, e nessa hora fechou os olhos; não queria vê-la derrotada pelas suas próprias mãos...

Ela imaginou tratar-se de um rompante. Não era. A mãe, tinha razão quando dizia que marido tem dia de ira. Aquele era dos tais! E Pedrão das Marrecas avançou resoluto. De olhos fechados, ele via o vizinho passando a perna sobre a Serafina, nu, apertando-a com força, à delícia do gozo fácil.

- Não foi assim comigo, foi? Se lembre. Se lembre! Tu nem queria que te tirasse a calça!

Quando a mãe chegou a filha jazia no chão. Quem contaria as facadas? Atarantados, acudiam a ver os vizinhos do lado, mulheres, principalmente, gritinhos nervosos. O único homem, àquela hora, era o Gedeão. Não podia ver sangue. “Meu Deus, tenho tanta coragem para outras coisas e enfraqueço num momento desse!” Afinal, foi ele quem chamou a ambulância, enquanto a telefonista, sensibilizada pelo crime, perguntava: “Se amavam? Diga! Se amavam?”

Não tardou o carro, a sirene apavorando as gentes e a tarde. Daí a pouco, a escuridão pesou – era noite.

Ao assassino vencido, largado a um canto, perguntavam:

- Viu mesmo o que fez?

- Nem precisava tanto, precisava?

Baixo, inaudível, ele repetia:

- Era a sina..

Por gestos explicava ser-lhe penoso suportar o peso dos chifres.

- Serafina era direita! Nunca se deitou com outro homem! – afirmavam.

- Sim, sim! – anuí.

Começava a sentir saudade dela, do cheiro do tempero, da sopa que lhe esquentava à tardinha. Ouviu o médico entrar; acompanhava-o um enfermeiro. O que

faziam com Serafina, não viu. Uma ou outra palavra, entretanto, advertiu-o de que a situação agravava-se. A polícia ia estar ali daí a pouco.

- Desde menino, sabia que a infeliz me desgraçaria. Nunca pensei, porém, fosse logo com o Chico. Um homem como eu - estava magoado - mulher não embroma.

Olhava mas não via os que o queriam contemplar de perto. Coçava-se, a vontade era de mandar todos à merda. Entretanto, submetia-se ao interrogatório. Respondia por monossílabos. Consigo mesmo recordava implicâncias passadas, como se procurasse uma desculpa, uma razão, que lhe justificasse o despropósito.

- Ninguém sabe o que eu agüentei dela! Eu não queria a mãe dela comigo. Trouxe ela! Eu gostava de beber, aos domingos, ela não! Deseja, às vezes, me desculpem a palavra, deitar com ela - ela não queria.

Enfurecido, Chicão veio ver o que sucedera. Foi diretor ao homem, impaciente.

- Quem lhe disse que me servi da Serafina?

Uma multidão invadiu a casa outra vez.

“Os homens vão brigar!” As mulheres tumultuavam:

- Chega! O Chico vai matar o Pedro!

Discutiram os dois. Desconfiança não queria dizer nada, desculpava Chicão. “Palavra de honra, nunca peguei nem na mão, já dizia a mão, da Serafina...”

Sem que ninguém esperasse, de repente ele meteu o braço no outro. Só se apertaram quando a guarnição da RP principiou a esbordoá-los. De revólver à mão, o sargento perguntava alvoroçado:

- Quem é o Pedrão dos dois? Se tentar fugir, lasco!

Meia hora depois, na delegacia do bairro, o agente que não gostava do Pedrão das Marrecas, fazia-lhe carga: - “não vale o que uma gata enterra!”

O delegado mastigando o charuto, mas atento, perguntava: – “como assim? como assim?”.

– Ontem mesmo, ele fechou o bar de Montese, deu não sei em quem. E mais, e mais.

– Pode narrar tudo, homem, a sua obrigação não é outra.

– Sim, senhor. Arruaceiro, todo mundo sabe que é. Outro dia, quebrou as garrafas da mercearia do Dandão. Na última quermesse, – com perdão da palavra – urinou na frente das moças...

A autoridade perguntou a Pedrão, quando o policial calou:

– Se arrepende?

Não soube o que dizer. Haviam-lhe perguntado isso a respeito do seu casamento. Arrependimento não dava vontade de ir para casa, sentar-se à mesa e tomar caldo, vendo a mulher, de coxas à mostra, ao pé do fogão... Que importava ter mijado diante das mocinhas, quebrando garrafas, se não pode mais estar outra vez com a Serafina?

– Inda tem mais, seu delegado. Pelo que apurei na vizinhança, é a terceira vez que ele tenta “apagar” a mulher.

– Assim, como assim?

– Sim senhor.

Daí por diante, Pedrão não falou mais. Ia chegar tempo de cada qual, por caminho diferente, branco ou preto, rico ou pobre, experimentar o seu drama. Contemplou o escrivão suado que batia na máquina, téc-téc-téc, cansado de ouvir-lhe; o delegado “assim, assim”, o povo todo espiando-o como se ele fosse um monstro. A autoridade enganava-se! Homem algum tinha condições de viver em paz com a Serafina. Ela era de irritar um santo! E ele não nascera santo, sabia nomes feios, mal assinava, dava um duro danado no porto, transportando carga para viver.

Embirrenta a Serafina! Tinha um jeito diferente de gostar, e isso o aborrecia!

- Seu delegado, eu.

- Fale. Vamos, continue.

Arrependia-se. Para que lembrar as noites em que a mulher não o aceitava dentro da rede, a recusar-lhe os agradamentos? “Hoje não, meu filho. Estou com as cadeiras doendo...” Mulher má, a Serafina!

Quando o ergueram do banco, num repelão, pois nada mais falara, emudecido Pedrão ouviu a informação final de que a mulher falecera na mesa de operação do Pronto Socorro. Não dera um gemido, uma palavra.

Mulher caprichosa, aquela! Se quisesse - ele começou a pensar novamente - podia ter resistido. Entregou-se à morte, quem sabe? - por vingança, como se dissesse: - acabo mas encresco para sempre este corno!

Seguiu tristonho à frente da escolta; já agora arrependia-se de não a ter matado da primeira vez, quando ela usava pastinha, tinha o sinal pega-rapaz, feito com cabeça de alfinete, e era fresca.

A viúva enganada

Dava-lhe pena ver o marido na derradeira viagem, acomodado no caixão da Conferência de São Vicente. Já próximo ao fim da vida, recusara pagar a mensalidade, reclamando que a confraria explorava os pobres como ele, entretanto, por motivos que só Deus sabe inspirar às esposas, acudira a evitar a negligência. “Que mal faz, Chico Pedro? Basta ir domingo à sacristia da igreja. Pense melhor.” E na préciência de um desenlace fatal, dizia-lhe: “Quem sabe o que nos reserva Deus? O mundo dá muitas voltas. Para um dia de alegria tem-se dois de tristeza.” Assim, por tais conselhos, o pintor de parede acabou honrando os compromissos da sociedade e, à hora da morte, teve o ataúde de pinho para dormir o seu último sono.

A viúva relembra esses fatos, amargurada, tendo por cima dela, desde cedo, sem cessar, os abraços de condolências. A todo momento, pensa quererem sufocá-la, e cerra os olhos, feliz por morrer também, por poder acompanhar o marido. Tão bom era ele!

Vivo estivesse, ao outro mês completaria quarenta anos. Para festejar, amealhara. Mas o dinheiro, reunido com esse propósito, consumia-se agora naquela aterradora viagem. E dizer que ela pensara reunir os amigos, trazer à casinha pobre do Pirambu os parentes de

Mondubim, as tias solteironas de Montese, e a todos mostrar que o seu homem não era, como referiam, um desclassificado pintor que se acabava no álcool.

“Não é possível você casar com um tipo desse! Vê-se que não tem futuro; morre qualquer dia de beber cachaça! Você merece vida melhor, menina!”

De cima dessa impertinência, a sua tia Zulmira mantinha-se fria: “É muita coragem moça, como você ser desfrutada por um malandro! Que é um pintor de parede? Diga?”

Resistira silenciosa às ofensas. Dependia da tia, ingrata, tinha de lavar-lhe a roupa suja, os panos íntimos, e isso tudo ainda não bastava à velha. Exigia-lhe obediência, namoro no portão da casa, rapaz católico, sem vícios, ganhando bem...

- Meus pêsames!

- Oh, que dor!

- Ah!

Paulina chora. Vontade de ficar no meio da sala, de contar a todos o que sofreu da tia. Sem razão... mas sem razão! O que a velha queria era que não fosse ela de homem nenhum, para amargar o resto da vida batendo-lhe a roupa fedorenta, os paninhos servidos!

- Não, não pode!

Sentaram-na outra vez. “Acalma a mulher, está sofrendo muito! Traz o chá de cidreira!” Virou-se para a vizinha compadecida, ao lado: - Me diga, foi a bebida que matou ele?”

- Esqueça... Esqueça!... Tome o chá. Tome!

- Ninguém compreende que ele bebia para cortar o efeito da tinta... Todo pintor bebe, não é?

Lembrava os suores frios do marido. Sofria dores o coitado. Vinham-lhe pontadas do lado do fígado. Às vezes,

não suportando, gemia. “Nasci assim, que se há de fazer?” – era só o que dizia.

- Doentinho desde pequeno.

Começou a explicar as viagens que ele dera ao posto de saúde, depois de tentar em casa as mezinhas, os chás, as raízes maceradas. Só o médico! – diziam-lhe. Mas, que médico? O doutor não comparecia, sempre viajando... A única vez que ficou diante de um, e entre os dois havia a mesa branca, uma distância enorme, a receita foi de fazer rir uma pedra: – “é largar de beber” Mas como? É ela quem pergunta. Como? Se a tinta era forte, das narinas ia ao fígado do homem?

Vieram as noites de insônia. Da rede passada sobre a “Patente” em que o pintor dormia, assistia-lhe o respirar forçado, o intermitente assobio de algo que derruía.

Não o viu à hora decisiva. Adormecera exausta, farta daquele sofrimento. Quando acordou, foi perguntando: – está melhor? Ele não a contemplou mais, nem falou. Num instante, ela pulou da rede, abeirou-se do corpo ainda quente: “Chico! Chico!” Tinha os olhos presos no corpo inerte, compreendendo que dali por diante era mulher sem marido...

Ao chegarem, os vizinhos a encontraram debruçada sobre o cadáver, desfalecida. Solícitos foram todos. Tratavam uns de avisar ao padre, de comunicar ao presidente da Sociedade que “havia um pobre a mais para enterrar”; outros foram varrer a casa, vestir o morto, mas de nariz tapado, que o odor da morte é insuportável. Conversavam todos. Lembravam, dele, as coisas boas. A cor do céu que aplicara o ano passado às portas da igreja. O amarelo da janela do dr. Amâncio, que parecia reclame de laranja. E outros trabalhos, de pintura, que o bairro tinha agora muitas recordações agradáveis de sua arte.

- Passa um cafezinho quente, está suando mais!
- É capaz de ter uma coisa...

Mãos e agrados: a primeira reza em voz alta, vagarosa, a provocar lágrimas. Desfiadas depois, no tempo, as doze horas de vigília ao corpo, a recusa de alimentos, enquanto corria quente o café para as sentinelas.

Tia Zulmira deveria vir ver de perto aquela afeição – pensa a mulher. Quem sabe se não se desculparia sabendo que, embora infeliz, a sobrinha encontrara o homem que a amava com paixão? Recordaria as ocasiões em que receberia florzinhas dele, colhidas ao jardim dos ricos. Entrava na casa, ia até a cozinha, para ofertar-lhe cravos, rosas e dalias... Algumas, murchas, haviam ficado em cima do balcão, enquanto ele “cortava” a força da tinta. E o dia se seus anos? “Olhe comprei uma chitinha pra você”.

- Que dor, meu Deus! Meu amor!

Voltou novamente a chorar forte. Mão solícitas vieram recolher num lenço novas e quentes lágrimas.

- É ter fé em Deus, criatura – diziam-lhe. – Paciência...

Mas como? Não viam que ela perdia o seu anjo de bondade?

Anjo, dizia provando. Bastava ir ao quarto para trazer de lá os vestidos que ganhara dele!

Assoou-se, ruidosa. Penetrando pela porta, o sol veio acentuar os rostos indiscretos que a cercavam. Um mormaço vagava na sala estreita; suavam todos sem arredar do caixão, como se aguardassem algo inesperado. Deviam esperar, ela pensou, a chegada de tia Zulmira, para contemplar-lhe o arrependimento. “Entra, bruxa, espia em que situação ele ficou! Se tu me tivesse ajudado, eu não estaria sofrendo agora...”

Avistou o sapateiro encostado à parede, perto da mulher grávida. Viu o dono da mercearia encolhido a um

canto e logo pensou que no estabelecimento, em seu lugar, estaria o sobrinho despachando. Quase escondidas, as irmãs do dr. Castro, como se não gostassem daquele almíscar de suor. O homem fardado, não conhecia. Não eram amigas suas as mulheres espantosas postadas à entrada da casa.

O mundo voltou outra vez a rodar diante de seus olhos enlagraçados. Num impulso, novamente agarrou-se ao caixão, como quem se arrima à cabeça de cavalo desembestado. “Não me deixe, não me deixe! Me leve, me leve!”

Contemplando os vizinhos, tinha os olhos arregalados:

– Eu quero ir também! Não posso ficar aqui!

Já insistiam para que tomasse ao menos um gole de café. “A senhora está fraca. Não pode ficar assim.”

– Não, não quero nada! Sirvam os estranhos. Sou de casa. Eu quero sofrer, entendem? Chorar, chorar, chorar!

O sol, espalhando-se na areia do morro, esbatia-se no zinco dos barracões, nas telhas empretecidas dos casebres. O fartum de sovacos tresandava das roupas, das velas amarelas que ardiam tortas.

De repente aquietou-se o burburinho. Acalmaram-se homens e mulheres. Podia-se ouvir o zumbido de uma abelha, àquele instante, procurando as flores do morto. Fora, rangendo os freios, com um ruído esquisito, brecou um carro. Troou a porta metálica, fechada com abuso, e não tardou ressoarem passos de quem chegara nas pedras da calçada incerta. De mulher, a pisada, entenderam todos, e a tanto cresceu na sala a expectativa.

Rente à curiosidade mal disfarçada dos circunstantes, aquela mulherzinha de tez morena que entrava à casa, de olhos pretos e seios à mostra pela generosidade do decote, foi-se aproximando do esquife. Andava sem pressa,

coleando entre os presentes, mas resolvida a alcançar o morto, a ficar bem perto vendo-lhe sobre os ombros e a se lhe meter no busto farto, caíam as pontas de uma echarpe dele. Ao redor do pescoço empoadado, descendo amarela contrastante com o vestido branco, colado ao corpo.

Inexplicavelmente a essa hora, ao defrontar a estranha, Paulina começou a sentir que já não podia contemplar o marido como antes. Por mais compreensão com que o desejasse, não vislumbra mais nele o pintor que a empolgava, o homem a quem, apesar do vício que o extinguiu, amara acima de tudo. Diante dela pouco ou nada mais significava a mão que lhe ofertara florzinhas e vestidinhos de chita. As feições de Chico Pedro, perfidamente tranqüilas, traíam agora um ar debochado em que a intenção de disfarçar algo repontava. De outra pessoa pareciam. Confirmavam enfim que tia Zulmira estava com a razão.

Reunindo as forças que lhe restavam, a viúva levantou-se acentuando o suspense daquele encontro que a maledicência dos vizinhos ansiosamente aguardara. E humilde, dirigindo-se à provocante e audaciosa intrusa, simplesmente desabafou:

- Já sei. Você é a "outra".

Um velho fora do mundo

“O mundo não serve mais para mim! O que faço de melhor é morrer”. Dia a dia, Salustiano, – velho Salu, como chamavam no arruado – preparava-se para morrer. Nas conversas em que se metia, mesmo às horas impróprias, fazia questão de falar sobre a sua morte. Há muito impunha-se ao contato de assunto que à maioria arrepiava. Queria morrer, desatar-se da vida que lhe sabia longa e cansativa. Que desejar do futuro, se ultrapassara a casa dos setenta? O médico do Instituto, – viera ver-lhe repetidas vezes, – proibira-o de tocar em bebidas. “Também não pode fumar. Nenhum cigarro!” – “E pimenta posso botar na comida?” – “Também não. Aliás, ia esquecendo... É indispensável a dieta... Gordura, nem escrita em anúncio!”

Acordava cansado, desiludido. Por outro lado, não adiantava viver num mundo em que os preços subiam vertiginosamente e ele já não sabia julgar o valor real das coisas. Que era a velhice? Não comer feijão, não tocar em carne de porco, não olhar gordura? Não fumar, beber café uma vez ou outra? Ficar sempre em casa, ausente dos cafés e dos botequins onde se reuniam os amigos?

Amiúde, impacientava o tratamento que lhe dispensavam. Queria participar, decidir como antigamente, quando a sua palavra pesava. “Não se compra esse pedaço de terra. Além de cara, não presta”. Fosse tudo para o diabo! Ninguém tinha a audácia de lhe desgostar. E agora?

- O Valfrido, pai, comprou o sítio que foi nosso, o Ipu... Duzentos mil cruzeiros!

- Duzentos mil? Isso é dinheiro que dá para comprar uma cidade. Não pode ser.

- Mas é.

- Gente tola! Desfiz-me dele, era uma terrinha de nada... Cem metros de frente, duzentos de fundos... Que nascia lá? Capim pé-de-galinha. Uma desgraça!

- Duzentos mil cruzeiros, livre de despesas. O Valfrido ainda pagou o imposto de renda.

- Você ouviu errado, meu filho. Devem ter-lhe dito vinte mil. Por vinte mil cruzeiros, me calo. Vá lá.

A risada dos circunstantes irritou o velho que, nessas horas, tinha vontade de mandar os amigos retirarem-se da calçada. E se exasperou mais ainda quando repisaram a palavra inflação.

- É a desculpa agora para tudo. Não acredito que um cristão, mesmo besta, dê tanto dinheiro numa terra imprestável! Foi minha. Era preciso juntar toda a merda do mundo para nascer nela uma planta mais taluda.

- Bom, muda-se de assunto, mas é verdade.

Nova discussão mais tarde, quando o senhorio propôs reajustar o aluguel da casa. Pedia mais cinco mil cruzeiros por mês, ante as exigências da Prefeitura, a nova taxa de iluminação, etc. Ele pagaria, a partir do mês seguinte, vinte mil cruzeiros.

- Quanto? Mais cinco mil?

- Por atenção ao senhor, inquilino bom, respeitável...

- Jesus! Já pago muito! Com vinte mil cruzeiros, em 1920, comprei duas casas!

- Àquele tempo, seu Salu, as coisas eram diferentes. Compreenda. Um milheiro de tijolo está custando hoje dez mil cruzeiros.

- Um milheiro de tijolo? Desse preço? Não posso mais viver!

- A vida mudou.

- É... mudou mesmo.

E em tom ríspido, encerrando o assunto:

- Me desculpe, não concordo. Tome as providências que quiser...

O filho mais velho é quem resolvia o problema. "Compreenda o pai. Já não entende mais de nada. Os negócios são resolvidos por mim. Deixe-o pensar que só paga quinze mil."

Com o passar dos anos ninguém prestava mais atenção às casmurrices de Salu. E o homem, por conta disso, foi-se estranhando daquela sensação opressiva de que não importava mais para os outros, nem para os filhos. Aquela autoridade sua, antiga, de decidir nas horas mais difíceis, estava posta de lado porque havia sempre um motivo moderno, recente, a alterar-lhe as decisões. Não, - pensava consigo mesmo - melhor morrer, deixar de ser um pau no caminho dos outros...

Punha-se na calçada, isolado, pensando em que, não se sabe.

E, de momento a momento, alguém saía da roda que comentava os acontecimentos do dia, as greves, passeatas, declarações de líderes, para saber se o velho, no silêncio em que se metia, não falecera de repente.

- Vou ver como está passando seu Salu.

Faziam perguntas. Incomodavam-no. “Está sentindo alguma coisa?” - “Pegava uma pestana?” - “Não quer ir para a rede?”

Ele abria os olhos - seus olhos pretos, grandes, que agora esmaeciam sob uma pasta branca e não dizia nada. Não tinha vontade de responder, para falar a um mundo que cada vez mais se distanciava de sua compreensão.

Vida de velho, a de Salustiano, tediosa e amarga, sem que ele, infelizmente, encontrasse derivativo, algo que lhe infundisse a confiança nos poucos dias que lhe restavam.

Noite houve em que acordou de repente, era um pesadelo horrível. Queria respirar, aliviar-se da rede, e todo esforço esmoreceu na vontade. Se o coração começava a sofrer do lado direito, era daquele que percutia a dor fina, a se irradiar para o braço, indo à ponta dos dedos. O ar, sugado ávido, não o acudia em quantidade necessária. E ele, entre lençóis, nesse transe parecia estar debaixo de uma bacia.

Por longos minutos, tremeu, pensando insanecer, enquanto se desfaziam os ruídos da madrugada, o do caminhão de lixo a recolher os restos do bar do Ignácio, o da campainha distante, do jumento do verdureiro, trotando para o mercado.

A custo, conseguiu mexer-se, inflar os pulmões; a dor não aumentara mas continuava implacável plantada em cima do peito direito.

Só mais tarde descobriu-se aliviado, ciente de que era reumatismo.

Afligia-o a morte chegada de surpresa, ele metido numa cueca listrada, suja nos fundos. Não imaginava morrer assim, como alguém que não se prepara, receoso

do comentário dos vizinhos. Desejava estar pronto para sucumbir mas vestido decentemente.

Deixou a rede; claudicava. Alcançou as calças de mescla da farda de soldado, do tempo em que servira na Polícia Militar do Estado. Meteu-se nela, inseguro, mas satisfeito porque a morte – que lhe parecia próxima – o haveria de encontrar já agora em condições mais aceitáveis.

Vestiu o dólman; lamentou o botão dourado, do meio, fora do lugar. Amargurou-se ao descobrir que a manhã entrava pelas frinchas da porta; Terezinha não tardaria da missa...

Calçou os sapatos. Penoso aceitá-los, ao em vez de botinas rangedeiras que irritavam a esposa. Ela estava no céu – pensou. E riu. Era engraçado ir de farda, de sapatos, para a outra vida..

Silenciosamente, escorregou outra vez para a rede, assim como quem chega de uma farra, altas horas da noite, sem tempo de desvestir-se. Depois, procurou comprimir o coração que lhe batia descompassado. Então, aliviado, esperou a morte que o levaria dali para bem longe, livrando-o da majoração do aluguel da casa, do preço dos remédios e das verduras, da carne e do pão. Considerou-se realmente preparado para morrer; conformara-se com o destino. Vivera o bastante, e em tempos mais felizes, quando os homens respeitavam os mais velhos e não existiam médicos implicantes proibindo um gozinho de álcool vez ou outra...

Fechou os olhos. A dor, renascendo forte, esmagava-lhe o peito. O coração fraquejava. Como uma perdiz, que baleara certa vez nas matas da fazenda Dourada, ele tentava alcançar a sombra. E a morte ou essa sombra não chegava, não obstante a dor, e ele a imaginar-se outra

vez caminhando numa floresta enorme, a querer livrar-se do caçador implacável.

Teria perdido os sentidos?

Quem primeiro o viu assim foi o filho mais novo. Ligeiro, gritou alto. Acudiram parentes e vizinhos.

- Morreu?

Consternavam-se todos. Ninguém queria acreditar que Salustiano, pressentindo a morte, houvesse imaginado primeiro vestir-se daquela forma. Não era de cuecas listradas, que dormia?

- Respira?

A rezadeira do quarteirão abaixou-se para apalpar-lhe o peito. Meteu-lhe na abertura do dólman o ouvido, deixando aflito, no ar, o seu olho azul misterioso; pedia aos presentes que calassem.

- Morreu?

Ela começou a rir. Pondo-se sobre os saltos, explicava triunfante:

- É desmaio, gente!

- Deveras?

- Um passamento!

O guarda-freios da RFFSA, chegado há pouco, abalou em direção à porta:

- Breca aí o Andrade! Diz pra suspender a compra do caixão.

Os que falavam mais alto sobre o resultado do futebol, contando o ataque do "Fortaleza", apanhando o "Ceará" desprevenido, baixaram a voz, encabulados.

- Ia custar uns noventa mil cruzeiros só o caixão.

- Tem lá quem possa morrer hoje em dia.

- E o terreno no cemitério?

Daí por diante Salustiano tomava consciência de que não estava morto. Assaltava-o agora a impressão de que

acordava. Vinha de um sono – igual ao da própria morte – e voltava a participar do mundo.

Abriu os olhos, atônito. A esse gesto explodiram os comentários álacres dentro da sala, e uma mocinha, aos gritos, correu a transmitir a boa nova aos vizinhos.

– Chega! O velho ressuscitou!

Mãos vieram, de todos os lados, e o levantaram da rede. Umas, mais apressadas, desabotoaram-lhe a blusa. Outras o descalçaram, pois os sapatos o deviam incomodar. Da cozinha, acudiram-no com um chá de cidreira e dez gotas de limão, que tomou sem tempo de aliviar a quentura.

– O pai não morreu! Vamos festejar!

A garrafa de aguardente começou a circular de mão em mão. À falta de copos, bebiam ao gargalo uns.

– O pai não morreu!

Os meninos pulavam contentes, enquanto, espalhafatosas, as mulheres principiavam a gritar de alegria, incontroláveis.

Com muito esforço, Salustiano ergueu-se da rede; sentou-se nela. E sem que ninguém lhe entendesse a decepção de estar vivo, começou a chorar.

O pedreiro, a mulher
e o copo

– **E**stá sentindo alguma coisa?

O pedreiro pelejava, suando pelos poros. Fraquejando, o tijolo tremia-lhe nas mãos. E o mestre, apertando o cigarro nos beiços grossos, não continha a irritação: – Que é isso? Desaprendendo?

Detrás de Zé Luiz, o tempo todo, vigiava-lhe os movimentos, marcando-o. “Se ele não se afastar daqui, perco o juízo”. De juízo perdido andava o pedreiro, há muito, querendo deixar de beber, achando azado o momento para dizer a álcool e a amigos: “Chega!” Queria viver como lhe dizia a avó: como homem. Fartara-se de ver os outros prosperarem. Quem ontem não tinha nada, ia para o trabalho, agora, de bicicleta. Só ele não subia na vida, naquele gosto pelo copo.

Hora de largar e não havia meio de completar a fiada, logo a do acabamento. O mestre, mãos enfiadas nos bolsos, espicaçava-o. “Ora, onde já se viu um profissional de sua idade ficar assim, tremendo, amedrontado? Que é que há? Não bebeu hoje? Pois vá beber! A cana resolve!

Pôs-se de pé, zangado, a colher na mão:

– Me deixe!

Não esperou mais. Recolheu a colher, entregou o prumo no almoxarifado. O outro o seguia de perto, desculpava-se:

- Estava brincando...
- Estava não.
- Juro. Que razão tenho de brigar com você? Olhe, não foi por mal que falei na cana...
- Pronto. Não me zango não, mas me deixe. Quero ir embora.

À saída, havia a turma de sempre na calçada do bar. Assanharam-se todos quando o viram:

- Vem logo, Zé!
- Tem uma aguardente especial, do Cariri.

Não ia beber, tinha pontadas no fígado, a boca amargava, não dormira de noite.

- Anda rodando tudo dentro da minha cabeça. O médico do posto disse pra suspender a bebida por uns tempos.

A mulher, nesse instante, meteu-se-lhe nos pensamentos. Ela lhe falara do médico, da necessidade de ela fazer um esforço e parar de beber. “E pode continuar assim? Veja a nossa casa, homem! Se eu não bordasse, não o ajudasse na máquina, já estávamos sem nada. O que você ganha, se some... Talvez melhor dissesse: “O que você ganha, engole tudo.”

- Não quero beber, não adianta insistirem.

Resolveu de repente; não era a primeira vez que tomava aquela decisão. Deixava de beber àquele momento. Daí para frente, o mestre não mais debicaria de seu serviço. Por que arrastar-se na vida, sem modos, roupa suja, amarfanhada? Às madrugadas, quando esmorecia o efeito do álcool, ele caminhava dentro de casa; um ser estranho, sem ninguém. Bebia a água ao pote, sedento, e envergonhado recolhia-se ao quarto dos fundos. Vinha-lhe à cabeça a figura da mulher, seu corpinho fornido, e então aí sentia vontade de ir bater na porta

do quarto dela, confessar-lhe os desejos. “Mulher, quero me deitar contigo”. Mas, onde a coragem? Suzana, há anos, recusava-lhe o corpo. Não se acareava com um beerrão de sua marca. Botava extrato, passava desodorante nas axilas, raspava as pernas uma vez por semana. E ele vendo-a assim, ficava impulsivo, acudia-lhe logo a vontade de não freqüentar o bar, de derrubar a mulher gostosa dentro da rede.

– Toma a cana que a tristeza passa!

Apressa-se. Dessa vez, vissem bem. Ia ser diferente, ele seguia direto para casa. Mostrava a todos que podia ainda reagir.

Meteu-se entre os operários que regressavam do trabalho. Confundiu-se na multidão, fugindo aos pontos de parada que fazia nos botequins, diariamente. Acima de tudo, aquela era uma decisão histórica, não a ia desrespeitar. De noite ia mostrar-se diante da mulher, recuperado. Pensava confiar-lhe ao entrar em casa:

– Larguei o vício, Suzaninha!

E lhe diria mais, em voz baixa, ciciante, rente ao ouvido:

– Vamos fazer papai-mamãe hoje, não é?

Suzana entalar-se-ia de pasmo, de alegria!

Morressem de inveja os amigos, esses falsos amigos que o desejavam distante de suas obrigações. Outra vez freqüentará a confraria dos pobres, ajudará o padre a marcar o local da quermesse; conversará na calçada, sentado no tamborete, a lembrar as histórias do sertão.

Alcançou a fila do coletivo; a mulher continuava todinha no pensamento. Amava-a. Nos primeiros dias de namoro, quando a moça costurava no ateliê de Madame Engrácia, ele fazia-lhe gestos do outro lado da rua. Telegrafia de amor. De noite ela estava no mesmo canto escuro e sossegado, esperando-o. Aper-

tava-a, chamando-a aos peitos, amassando os dela macios e quentes.

Ninguém acreditava fosse a moça casar-se com ele. Menina metida a branca, luxenta, só usava as novidades da moda. Dava um trabalho enorme a d. Engrácia, perguntando o endereço de butiques às freguesas, o preço dos objetos, da loção, das ligas...

Casou; festão foi, o da sala e o do quarto! Pensando, o homem ri, vitorioso, a lembrar a conquista. D. Engrácia emagrecera dois quilos à notícia do casamento. Quase morre ao lhe informarem que “d. Suzana não costurava mais no ateliê”.

Afinal, pela mulher valeria a pena deixar de beber. Nem pensava nele mesmo, que era homem, dispunha da vida como bem entendesse.

Vendo um operário velho, caminhando na rua, lembrou-se do pai. Cumpridor das obrigações, tudo fizera para que ele ocupasse um lugar na RFFSA, onde trabalhava desde menino.

O hálito avinhado, que não pôde esconder, as informações colhidas a seu respeito, cortaram-lhe o acesso à repartição. O pai, talvez por isso, morreu mais cedo do que esperava.

- Não bebo mais! Não bebo mais!

Desceu do ônibus; pisava firme, importante, como se fosse o único homem do mundo que não bebia. Subiu a calçada, árdego, e foi bater na porta da casa, pensando assustar a mulher.

- Suzana!

Ninguém respondeu. E ele imaginou estivessem todos à mesa. “Que bom chegar assim, a tempo de pegar o jantar! Ia dizer a ela: - desta vez não passei por debaixo da mesa!”

- Suzana!

Alteou a voz, disfarçava o cansaço nascido pelas emoções que vivia. Puxou as abas do paletó, limpando a voz com um hum-hum de garganta.

Queria a mulherzinha fornida à porta, basbaque à sua presença compenetrada e sóbria, resolvido dali por diante a praticar corretamente. “Olhe pra mim, meu cheiro. Veja... Sinta meu hálito. Larguei o danado do vício, não bebo mais. Não é como daquela vez, é pra valer, que estou louco pra me deitar com você. Se lembra do tempo de d. Engrácia?”

- Anda, Suzana! Abra a porta!

A velhinha, ao lado, sentada na penumbra da calçada, aluiu a voz:

- A dona saiu e o marido dela não chegou ainda...

- Sou eu, o Zé Luiz - explicou o pedreiro.

- Oh! - admirou-se a mulher - Não esperava o senhor essa hora. Só chega tarde, não é?

- Sim, sim. Suzana deixou algum recado, foi ao mercado?

- Sei não. Ela sempre de tardinha se prepara toda, bota perfume, dá uma volta. Já gosta de cheiro, não é? Seu Anselmo vem buscar ela no jipe dele.

Instantaneamente, a imaginação do homem ajuizou certo. A mulher traía-o, e a velhinha, sob falsa ingenuidade, havia-lhe transmitido a dolorosa verdade. Então, era o Anselmo? Tinha ficado no lugar que lhe reservara o pai na RFFSA. Explicava-se assim por que, apesar de ele não trazer dinheiro suficiente para casa, Suzana tinha de um tudo, vestido, extrato, pulseira, até “gillete” azul para rapar as pernas.

A voz de d. Beatriz, vagarosa, acudia outra vez:

- Não fique pensando mal, não, seu Luiz. O senhor me perguntou, eu respondi. O Anselmo não é seu amigo?

- É... é... - murmurou o homem trincando os dentes.

O plano formado. Ia comprar uma faca grande, do tamanho da afronta, e esperar de volta o jipe do mecânico. Quando a mulher se apeasse da boléia, ele diria primeiro ao homem: “Agora, seu gavião, se prepare para gozar também do marido dela!”

- O senhor falou alguma coisa?

O pedreiro não respondeu. Olhou para o céu, consultou as estrelas; estabelecia a medida do tempo. Devia ser mais de oito. Havia hora, portanto, de ir à mercearia do Alonso adquirir a faca, preparar-se para o crime. Preparar-se mesmo... Sim, necessário arquitetar o plano, a atenuante. Não desejava ser pegado como criminoso vulgar e metido nas grades sem esperança de livrar-se.

O melhor que fazia era ir primeiro ao bar. Desta vez, não seria por vício. Ele precisava, como nunca, tomar uma bebida desgraçadamente forte.

As danasções

O vizinho da direita, o Chico Bento, mora no casobre prestes a ruir. Bastava, para tanto, o inverno rolar rijo sobre o casario da orla marítima. Péssimo esposo, diziam. Umas tantas vezes fora levado à presença do subdelegado e aí ficara sempre, de molho, com ladrões-de-galinha.

Do lado esquerdo, meia-parede, está o velho Benício. Aposentado da estrada de ferro, ganha para não fazer nada. Empregão o dele! – comenta-se. Quarenta mil cruzeiros ao mês, reajustes salariais duas vezes por ano!

Ocioso, todas as tardes ele segue para a mercearia, a beber vinho “Imperial”, julgando os outros uns malandrões! Mas é a própria mulher que carrega para casa a água do chafariz.

Em frente, a viúva de Leonardo, d. Balbina, numa indignância eterna. Ela e o sobrinho, o Dico de fala fina, de quem se diz passar roupa de mulher sem esquecer uma dobra.

Os outros vizinhos, os das diversas casinhas rua abaixo, são todos “do mesmo nível social”, no dizer de Marieta, que, quando pode, enumera-lhes os defeitos para Benedito e André que a escutam entediados.

Só uma coisa os garotos não compreendem: por que não está ali, com eles, o próprio pai...

Marieta percebe a pergunta nascer nos olhos de ambos. E se põe então, enquanto guia o ferro pesado e fumegante sobre as peças de roupas, a repisar velhas explicações, a voz cansada mas ativa:

– Seu pai, o Paulino, é diferente desses canalhas. É homem trabalhador. Volta! Marinheiro que embarca não está morto.

Benedito e André pensam que o velho retornará à casa em dia próximo. Eles, que jamais tiveram com que ir à feira ou ao cinema, anseiam por ter alguém em casa, de voz grossa, para lhes contar as histórias que os amigos dizem ouvir aos pais, à hora do jantar.

D. Marieta insiste o quanto pode no assunto. Fala alto como se o tom de voz exagerado fosse necessário para reforçar o pensamento claudicante:

– Volta, volta! Vão ver todos como o pai de vocês tem pulso forte, não fica sentado pelos cantos. Pensam que se estivesse aqui, eu ia buscar água? Ia à mercearia? Ia à feira? Nada! Sempre me quis para fazer a comida... E como dava valor ao meu guisado!

Ante os meninos perplexos:

– Diferente desse Dico fala de mulher. Entendem? Desse Chico Bento que não é de nada.

Quando escapam para a rua, os meninos referem aos outros as peripécias desse marinheiro mercante que percorre o país sem pouso certo, indo de Manaus a Porto Alegre, juntando dinheiro para consolidar a independência da família...

– Mamãe disse que quando o pai voltar, a gente se muda daqui.

– Vamos morar noutro bairro – acudia o menor.

Os amigos punham dúvida. Os irmãos irritavam-se.

– Se não acreditam, azar! Um dia vão ver.

- Papai é rico. Vai chegar cheio de dinheiro.
- Rico de quê?
- Ganha muito do governo e não gasta com vinho “Imperial”...

Outro dia, menino mais esperto, indagou:

- Se é rico, por que não vem logo? Como é que deixa d. Marieta na mão?

Em casa, ao saber da “perversidade dos colegas dos filhos”, a mãe explicou:

- A inveja mata! Ninguém compreende que o pai de vocês se sacrifica por nós.

Havia passado umas anáguas, recostara-se à porta para ver o mar parado, distante, aquele seu mar de lapinha. Veio-lhe a vontade de esclarecer aos filhos detalhes da ausência do marido. Viviam pobres, quando Paulino resolveu então tentar a sorte, ir-se dali como embarcado, que era esse o seu gosto, o de correr mundo. Juntava dinheiro. Regressaria quando no bolso não mais coubessem as cédulas de cinco mil...

- Volta, e tiramos o pé da lama.

Punha-se impaciente, falando alto, de pé:

- Vocês terão escola de rico, vão morar comigo noutra casa, longe daqui, onde vive gente fina e direita.

A carroça d’água parou diante da porta. Ela não queria comprar. Mas o desejo era grande; o desejo e a necessidade. As dores de barriga, mais amiúde, ultimamente, deviam ser da água do morro, pestilenta, que se via obrigada a beber.

- Pois é... - Recomeçou. - O pai de vocês não é cachaceiro. Nem preguiçoso. Homem. Quem diz homem diz tudo.

Passava em julgado os vizinhos:

- Ninguém presta por aqui...

- E o sobrinho de d. Balbina? - arriscou o menorzinho dos filhos.

- Amulherado! Nem fale! E agora vão tomar um pouco de ar, aliviar o calor!

Enxotou os meninos. O maior, se afastando, confiava baixo ao outro:

- Eu lhe dizia. Papai é mais homem que toda essa gente que você conhece...

Só, a mulher arriou-se na cadeira, estremunhada. Desesperava-se. Andava desconfiada das promessas de regresso do marido. De verdade, era tempo de ele voltar para ver os filhos que deixara pequeninos, saber o que custava sustentar duas bocas... As cartas chegavam prometendo, mas nada dele. Agora, rareavam... Só Deus sabia como era triste aguardar a passagem do estafeta; voltar da porta, os olhos enlagramados, as mãos vazias...

- Por quê você não vem, homem? Por quê?

Principiou a chorar. Algo se rompia em si. Arrependida, reagia procurando conter o bocado mau que ameaçava lançar. Levantou-se como alguém que vê o ônibus parar e sente que deve estar à porta, pronto para descer. Foi estender a tábua de passar. Diabo! Se o marido voltasse, adeus àquele trabalho cansativo.

- Ah, sou mesmo tola. Não devia relembrar mais o assunto.

Principiou a tossir como se não fosse parar. Mas parou.

Nisso, d. Balbina entrou. A outra nem percebeu a vizinha. Viu-a somente quando, de respiração opressa, mãos plantadas nos quadris, curvada para a frente, gritava-lhe:

- Então, sua macaca, que direito tem você de dizer aos seus filhos que meu sobrinho fala fino? Hem?

Marieta assustou-se. Não sabia o que responder ante a torrente de insultos daquela abusada. Recobrando a calma, estendia-lhe um tamborete.

- Sentada a gente conversa melhor. Meninos inventam coisas, criatura!

A mulher recusava o tamborete, insolente:

- Não quero essa porqueira, viu?

Marieta arriou-se. Não passava bem, começou a gemer. Andava assim há meses. Tinha suores, palpitações no coração...

- Pois é suar outra vez. Dane-se!

- Faça o que quiser, criatura. Diga o que entender. Mas me desculpe. É história de menino... Desculpe.

Desandou a chorar outra vez; segurava a cabeça entre as mãos:

- Quando meu Paulino chegar...

A vizinha deu um muxoxo:

- Meu Paulino, que nada! Vê lá se ele abandona a vida de amigado que leva no Rio?

- Amigado?

- Que cara de santa é uma? Então, não sabe?

- Mentira!

- Pois acredite nele e se espete nos chifres!

- MENTIRA!

- É o que se diz por aí...

Deu de ombros, maliciosa e encaminhou-se à porta. Dali por diante, - repetia longe - a outra não mais permitisse deslustrarem a honra de pessoas direitas. O sobrinho era sério. Não tinha obrigação de ter voz de gramofone.

Saiu. O vento empurrou a porta, fechou-a com estrondo. Apagavam-se daí a pouco os ruídos da rua.

Marieta, atordoada, repetia baixo, sem poder acreditar:

- Amigado!... Amigado!...

Quem seria aquela que impedia o seu homem de voltar? Que fêmea Paulino conseguira no Rio de Janeiro, a ponto de retê-lo ali por tanto tempo? E as cartas

prometendo dinheiro, muito dinheiro, ela matava-se de trabalhar, – mentirosas?

– Amigado!... Amigado!...

Passou despercebida a chegada do “Água Doce”. Navio modesto, de andar vagaroso obtinha aonde arribava quase anônimo, registro na página dos jornais. Chegara ao Mucuripe sob uma noite de céu prometendo chuva. Logo pisou o cais, Paulino abriu a túnica, punha-se à vontade. Queria comemorar a libertação de bordo, aproveitar os dois dias parados, enquanto o barco se reabastecia, a fim de prosseguir rumo ao Norte. Só depois de se faltar de aguardente no bar do Laurindo – novo e freqüentado, nas imediações – resolveu ir dormir com a esposa. Afinal de contas – pensava consigo mesmo – é sempre bom ter alguém a quem se acostar depois dos dias de mar brabo. Outra coisa, desejava ver como estava aquela safada ponta-de-rua, como iam os vizinhos, se a vida por ali, ainda se arrastava em termos de miséria, de decadência.

Chegou a casa perto da meia-noite, mas antes fez ponto no “Canto do Pescador”, onde comprou uma garrafa de cachaça e colheu informes frescos do Morro do Ouro. A chuva, prometida, não veio. Foi só chuvisco, caído por instantes, e pretexto para ele beber mais.

Marieta, cansada de tentar conciliar o sono, pensava agora na família, nos meninos que cresciam sem voz autoritária dentro de casa; nos vizinhos, em Paulino, que ignorava estar perto dela. Quando o marido bateu à porta, insistente, nem de leve imaginou fosse ele, de volta, num estado de constrangedora embriaguez. Abriu-lhe a porta, assustada, para receber no rosto o seu hábito avinhado.

- Céus! Milagre!

Abraçaram-se. Quando se desvencilhou o marinheiro do agrado, que o empolgara, momentaneamente, menos pela saudade que matava do que pela presença física, anunciou estar morrendo de fome. Viera tomando umas e outras mas sem nada para mastigar. Às secas estava por um naco de carne, uma fatia de queijo. Que tinha ela no guarda-comida?

Marieta apanhou os ovos do almoço, foi estrelá-los na banha, a fazer perguntas, enquanto o homem, pesadão, empurrava a porta da cozinha, a inquiri-la:

- Quero mijar. Aonde é?

Ela largou a caçarola. Apontou a privada atrás das moitas de carrapateira. Tivesse cuidado - recomendou, as galinhas dormiam lá, podia estragar os pés como menino que não presta atenção. Desandou outra vez até à beira do fogão, a tempo de mexer os ovos, feliz, certa de que, depois de tanto tempo, tinha seu homem de volta.

Ele demorou. Afetando cuidado, ela largou a frigideira e chegou até à porta, alteando a voz em direção onde o vira sumir.

- Que há? Não acertou?

- Tem paciência, mulher. Já vou!...

Veio a seguir. Entrou respirando forte. Sentou-se no tamborete, fazendo-o estalar. Quando o contemplou a mulher, ele estava outra vez bebendo na boca da garrafa.

- É melhor parar.

- Você é besta! - abusou-se.

- Bebeu muito.

- Sei o que faço. Não posso festejar?

Largou a garrafa no chão, vazia. Viu a mulher cuidar dos ovos, jogar neles bastante sal - como exigia sempre - e correr por um prato na mesa, o copo d'água, para

que tudo estivesse em ordem, nada lhe faltasse. À luz da lamparina fumacenta o seu vulto feminino parecia mais velho do que devia estar. A combinação rala deixava-lhe transparecer um corpo minguado, sem atrativo.

Ele olhava-a, procurando ver uma criatura carnuda que o contentasse. Há dez dias não dormia com mulher. E Marieta chata, a explicar a dureza da vida, o batente que enfrentava até às dez horas da noite, o sacrifício de sustentar a casa, à espera dele, isso e mais isso.

Paulino ausente, nauseado dela, do ambiente, arrependido por ter vindo ao impulso de pensamentos iniciais, imaginando encontrar uma mulher gordinha, de bons peitos e bunda arredondada.

Piorou de gênio quando Marieta, não reprimindo a dúvida que a assaltava, perguntou:

- Há outra em sua vida, Paulino?

- Não. Não tenho.

- E por que não vem de vez para o Ceará? A gente podia ser feliz... Outro dia, mandei botar o baralho.

- Merda de baralho!

- Mas a cartomante disse tanta coisa!...

Depois de uma pausa, sem mais poder refrear o pensamento:

- Confirmou a "outra"...

Ele enfarou-se. Raivoso, aluiu-se do tamborete, tropeçou na garrafa vazia. Queria beber, não ouvir conversa de mulher velha e ciumenta. Virando-se para ela, disse:

- Ande, preciso mais! Arranje um resto de bebida, álcool, seja lá o que for!

- Não tem...

- Eu quero!

Marieta aproximou-se dele, lembrada do conselho do vigário do Pirambu: “Muito marido deixa a esposa, à falta de agrado”.

– Olhe queridinho, eu...

Ele empurrou-a violento. E o choro nasceu nela, como só faltasse essa grosseria para despejá-lo.

– Não faça isso. Veja os meninos!

– Que tenho eu com os meninos?

Aflita, a coitada ainda tentava orientá-lo:

– Tenha juízo! A bebida só serve pra exasperar. Por favor...

Paulino caminhou em sua direção. Apertou-a nos braços. Fazia-a sentir, perto, próximo ao rosto, a exasperação.

– Pare essas lamúrias, já! Eu quero beber.

Acrescentava, babento:

– Quando começo, não sei parar. Ande! Há-de ser agora, que desespero.

Os meninos, às vozes altanadas, haviam saltado das redes. Queriam ver quem falava em tom de briga com a mãe.

– Não fique aí parada, Marieta! Perco a cabeça!

– Mas eu não tenho cachaça em casa.

– Vire-se! Arranje!

Os olhos de Paulino, vermelhos, esbugalhavam-se; e assim colhiam o pasmo dos meninos, o medo que se lhes estampava nas faces recém-saídas de um sono farto e inocente.

– Vão dormir! Não houve nada!

– Os meninos...

– Que meninos que nada!

Abrutalhado, com as mãos tateantes, à procura de uma garrafa de álcool, ele derrubou ao chão o frasco de vinagre.

– Inda mais essa! – reclamava. – Que recepção!

Não se contendo mais, decepcionado, arredou Marieta do caminho, prostando-a ao chão. E abalou em direção à porta que rangia as dobradiças, açoitada pelo vento. Ela tentou alcançá-lo, retê-lo, mas como um cão danado, o homem escapuliu. Soavam-lhe os passos na rua deserta, exacerbando os cães da noite.

Enterrada num desprazer sem fim ela demorou perceber os filhos agarrados à sua saia, amedrontados. Benedito, a soluçar, perguntava:

- Quem era, mamãe? Era papai?

Ela remoía a vergonha que a amesquinhava ante os filhos. A custo, depois de alisar a cabeça do menino, de voz sofrida pôde explicar:

- Não, não era o pai de vocês. Era um homem mau.